

ARTIGO ORIGINAL

A construção de identidade analisada mediante narrativas de vida: dois casos de indivíduos pertencentes a grupos vulneráveis

Identity construction analysed through life stories: two cases of individuals that belong to vulnerable groups

André Guirland Vieira,¹ Cláudio Schubert,¹ Dóris Cristina Gedrat,¹ Gehysa Guimarães Al-ves¹

¹Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS, Brasil.

Recebido em: 18/08/2016 / Aceito em: 27/09/2016 / Publicado em: 18/10/2016
doris.cristina10@gmail.com

RESUMO

Objetivo: identificar as diferenças no discurso de uma dupla de jovens adultos, um do sexo feminino, outro do masculino, ambos adotados tardiamente, na fase da pré-adolescência. **Método:** estudo de casos múltiplos, a partir da transcrição das entrevistas feitas na pesquisa de Vieira, analisaram-se as narrativas de vida correspondentes, comparando-as quanto à normalização dos fatos narrados. **Resultados:** a jovem havia produzido uma narrativa coerente, segundo Vieira, que expressa unidade entre os acontecimentos que ela conta em sua história de vida. Ele, no entanto, não havia atingido coerência suficiente em sua narrativa. A presente investigação encontrou, na narrativa do jovem pesquisado, sinais de impossibilidade para normalizar as experiências, uma vez que associava afetos demasiadamente intensos a certos eventos narrados. Já, na narrativa da jovem, observou-se conhecimento consciente a respeito da falta de normalidade de certos eventos narrados, sobre os quais ela já elaborou seu posicionamento e fala a respeito. **Considerações finais:** conclui-se que, enquanto uma narrativa coerente demonstra que o narrador procura apresentar-se ao mundo como uma pessoa normal, sabendo seguir as restrições em relação ao que é aceitável ou não como o objeto de uma história, isso é muito difícil para quem não consegue construir uma narrativa coerente.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Promoção da Saúde; Narrativa; Coerência; Vulnerabilidade; Identidade.

ABSTRACT

Objective: the aim of this investigation was to look for differences in the discourse of two young adults, one female and one male, both adopted in late adolescence, trying to find a relation between a coherent narrative and the narrator's capacity to normalize facts he/she narrates, according to Sacks (1984). **Method:** multiple case study, based on the transcriptions of the interviews made in Vieira (2012), the correspondent life narratives were analyzed and compared as for the normalization of narrated facts. **Results:** she had produced a coherent narrative, according to Vieira (2012), expressing unity in her life happenings. On the other hand, he had not been able to reach coherence enough. The present research found signals of inability to normalize experience in the male young adult's narrative, according to Sacks (1984), once he attributed too intense emotions to certain events. The lady showed to be consciously aware about the lack of normality of some narrated events, about which she could talk normally. **Closing remarks:** the conclusion is that a coherent narrative shows that the narrator tries to present herself/himself to the world as a normal person, because she/he knows and follows the restrictions to what is acceptable or not as the object of a story, while the person who cannot build a coherent narrative also faces great difficulties in normalizing her/his experiences.

Keywords: Human Development; Health promotion; Narrative; Coherence; Vulnerability; Identity.

INTRODUÇÃO

O estudo das narrativas psicológicas prevê a reorganização significativa da própria história como elemento fundamental na construção da resiliência e a pesquisa etnometodológica da Análise da Conversa preconiza que os atores sociais constroem e mantêm um mundo em comum porque têm o domínio da linguagem natural. É através da narrativa que o indivíduo torna compreensível para si mesmo o que acontece de excepcional em sua vida cotidiana, organizando sua experiência e memória de acontecimentos. Nessa perspectiva, intentou-se encontrar uma conexão entre a coerência narrativa e a capacidade do autor desta narrativa para colocar-se como uma pessoa normal, entendendo o conceito de normalidade segundo Sacks,¹ para quem normalizar a experiência é apresentar uma visão do mundo como uma pessoa normal faz.

Este texto inicia mostrando como se relaciona a narrativa com a construção da identidade, focalizando a narrativa e a identidade de indivíduos com experiência de adoção, considerando ser este o perfil dos participantes da pesquisa. Na sequência, apresentam-se as noções de Sacks,¹ quanto ao processo de normalizar experiências em narrativas de vida, as quais embasam a hipótese deste trabalho, a saber, de que existe uma relação entre a narrativa coerente e a capacidade para narrar experiências como uma pessoa normal faz. Assim, após uma breve explicação do que se entende por narrativa coerente no contexto de histórias de vida, passa-se à descrição dos objetivos, metodologia e resultados da pesquisa.

Para Bruner,² os seres humanos constroem significado a partir dos sistemas simbólicos já dados na cultura. Estes sistemas simbólicos constituem uma espécie de kit de ferramentas que os homens utilizam para construir suas representações do mundo. A narrativa é uma dessas ferramentas: “filosoficamente falando, meu ponto de vista em relação à narrativa é construtivista – uma visão que tem como premissa que a principal função da mente é a construção do mundo, quer seja através das ciências ou das artes”³ (p. 11). A representação de nossa experiência de vida é, portanto, uma narrativa, e nós utilizamos a narrativa como uma ferramenta, a fim de organizar nosso contato com o mundo em termos de uma experiência inteligível.

Do mesmo modo que a experiência do sujeito com o mundo é organizada narrativamente, a própria interioridade também o é. A identidade é, portanto, o resultado de um processo sociocultural de construção de significado. A identidade não é um núcleo isolado de consciência contido em nossa cabeça, mas é construído interpessoalmente. Ela é definida em termos de significados, tanto pessoal como coletivos, ambos em maior ou menor grau definidos pela cultura. Cada cultura possui uma representação do que significa pessoalidade, de modo que o significado da identidade é negociado entre o indivíduo e a cultura na qual ele está inserido. Nesta negociação observamos a função do kit de ferramentas de que nos fala Bruner,³ o indivíduo constrói narrativas sobre si mesmo a partir de narrativas culturalmente dadas: tragédias, comédias, novelas, romances ou *bildungsroman*, nas quais ele assume o lugar de protagonista em um processo de autoconstrução. Essas narrativas possuem, portanto, uma função

organizadora da identidade. A vida também imita a arte.

McAdams e McLean⁴ toma como ponto de partida a proposição de que o desenvolvimento de uma história de vida é um marco no processo de aquisição de uma identidade psicossocial madura. A adolescência seria o momento do desenvolvimento humano no qual convergem as habilidades cognitivas construídas ao longo da infância para produzir uma narrativa autobiográfica coerente⁵⁻⁸ e as demandas socioculturais para um posicionamento dentro da sociedade,^{9,10} as quais culminam na necessidade e na possibilidade de construção de uma identidade socioculturalmente situada. Segundo McAdams e McLean,⁴ essa identidade organiza-se na forma de uma história de vida. Na adolescência as pessoas, em nossa sociedade moderna, iniciam um processo de revisão do passado, compreensão do presente e planificação do futuro, a partir da elaboração de narrativas autobiográficas, as quais têm uma função de construir um mínimo de unidade e propósito a suas próprias vidas e ao mundo. As histórias de vida são co-construídas com as pessoas que a cercam, bem como com o contexto sociocultural no qual elas vivem. Essas histórias situadas, para utilizar o termo cunhado por McLean, Pasupathi e Pals,¹¹ são não apenas o que constroem e mantêm, mas também a própria forma da identidade de seu autor. Tais narrativas têm a função de construir uma configuração integrativa do *self* no mundo adulto. Elas têm a capacidade de integrar diacronicamente os diferentes episódios e situações de vida vividas ao longo dos anos, em histórias carregadas de sentido. Elas têm também a capacidade de organizar as crenças e posicionamentos diante da vida em termos de um processo de mudança e transformação: antes pensava e agia de tal modo, enquanto que hoje penso e ajo diferente. As histórias de vida têm também uma função de integração sincrônica, organizando os diferentes papéis sociais, as diversas formas de relacionamento, os sentimentos e pensamentos, de maneira que eles possam ser vistos e entendidos como partes da mesma configuração do *self*.

Os jovens que foram adotados defrontam-se com o desafio de desenvolver um sentido de *self* como pessoas adotadas.¹²⁻¹⁴ Von Korff & Grotevant¹⁴ referem-se a esse processo de desenvolvimento como o da formação de uma identidade de (ser) adotado. Durante a adolescência, os jovens começam a refletir sobre o significado de ser adotado e a integrar suas reflexões e experiências em uma identidade narrativa significativa e coerente. Segundo Von Korff & Grotevant,¹⁴ a identidade narrativa de ser adotado é construída, quando os jovens começam a refletir sobre o significado de terem crescido cuidados por famílias adotivas, enquanto permanecem geneticamente relacionados às famílias biológicas. Ela surge no momento em que esses jovens conseguem lidar com essas questões, organizando lealdades em relação a suas famílias e respondendo às demandas sociais, através da percepção dos outros em relação a terem sido adotados.

Carsten¹⁵ e Yngvesson¹⁶ mostram, a partir de estudos etnográficos, que a identidade narrativa de jovens adultos adotados é marcada pelo sentimento de uma ruptura com o passado. Esta ruptura provoca nessas pessoas o movimento de busca que Carsten chamou de ‘knowing where you’ve come from’. Através da procura dos pais biológicos os adotados procuram recuperar

um sentido perdido de continuidade entre o passado, o presente e o futuro. Yngvesson¹⁶ mostra o caráter cultural desta rutura, sedimentada, tanto na legislação sobre adoção internacional, como nas nacionais, nas quais o processo de adoção envolve simultaneamente a integração total na família adotiva e o corte de laços com a família biológica. O apagamento do parentesco biogenético e a construção de uma família adotiva em seu lugar produzem uma família 'as-if', como se fosse biogenética. No caso do grupo estudado por Yngvesson, que envolve pessoas de origem latina e africana adotadas, quando crianças, por famílias suecas, a questão da construção da identidade radicaliza-se, tornando-se um fenômeno sociocultural.

É através da narrativa que vamos tornar compreensível para nós mesmos o que acontece de excepcional nas nossas vidas cotidianas, organizando nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos.² Ao construirmos narrativas, segundo Sacks,¹ tendemos a normalizar a experiência para apresentarmos uma visão do mundo como uma pessoa normal faz. Narrar é essencial para ser normal, comum, ordinário. Mas, ser normal, como coloca Sacks, dá trabalho. É um trabalho social, que realizamos constantemente nas nossas vidas cotidianas. Para apresentarmos uma visão do mundo como uma pessoa normal faz, há uma série de restrições em relação ao que pode ou não ser objeto de uma história. Um exemplo de Sacks: se, ao voltar para casa, uma pessoa descreve, com detalhes, as diferentes tonalidades da grama ao longo da estrada, o ouvinte certamente vai estranhar e tentar interpretar o porquê desse relato, ou vai achar que a pessoa é estranha, ou pretenciosa – ele poderá até ficar com ciúmes e a pessoa perder um amigo. Esses, para Sacks, seriam os custos de não ser ordinário, ou de, no caso, tentar ver sua vida como um poema épico. Também, há emoções mais ou menos permitidas em relação às diferentes experiências: normalmente, não se tem um ataque de nervos por que se viu uma batida de carro. Não se pode atribuir mais emoção a um determinado evento do que o considerado normal. Assim, as pessoas monitoram as experiências que vivem em relação às características que fariam dessas experiências narrativas contáveis ou não, o que acaba por interferir na vivência da própria experiência. Dessa forma são armazenadas experiências de modo que se tenha o que contar quando a oportunidade surgir.

Esta pesquisa investigou a forma como dois indivíduos adotados entre os nove e os 12 anos normalizam, ou tentam normalizar suas experiências ao construir narrativas de vida. Considerando sua condição de adotados e as consequências psicológicas que tal condição origina, partiu-se do pressuposto de que, se essa experiência não tiver sido suficientemente integrada à vida cotidiana, ela não aparecerá como uma experiência normal na narrativa, e esta não terá um grau satisfatório de coerência. Aplicando a teoria de Sacks,¹ um indivíduo adotado pode atribuir emoções exageradas a fatos que lembrem ou se relacionem à experiência de adoção e, inclusive, ver sua vida como um poema épico, não conseguindo narrar como uma pessoa ordinária, ou normal

faria. A habilidade ou não de normalizar os eventos que conta sobre sua vida está relacionada à construção da identidade do adotado.

Identidade não é algo que emerge na adolescência de maneira acabada, mas está sempre sendo construída e reconstruída. Ela pode ser entendida como uma narrativa aberta, nunca totalmente concluída, ou como uma antologia de histórias mais ou menos integradas e coerentes acerca da vida de uma pessoa, uma espécie de 'antologia do *self*'. O caráter distintivo dessas narrativas é sua tendência à unidade e à coerência.¹⁷

A construção da singularidade do indivíduo aparece na história de vida como a interpretação subjetiva das experiências passadas, unida à integração seletiva dos aspectos culturais onde o indivíduo vive. Na história de vida, encontram-se reunidos, tanto os traços disposicionais e as características de adaptação, como os eventos singulares à trajetória de vida do sujeito e à história sociocultural na qual ele está inserido.¹⁸ Um indivíduo que consegue integrar suas experiências e com elas formar uma unidade conseguirá narrar sua história de vida de maneira coerente.

Para Mishler,¹⁹ lembramo-nos do nosso passado e continuamente o re-historiamos, variando a significância relativa de diferentes eventos de acordo com a pessoa em quem nos transformamos, descobrindo conexões das quais não estávamos previamente cientes, reposicionando-nos a nós mesmos a aos outros em nossas redes de relações. Em suma, o ato de narrativizar reatribui significado aos eventos em termos de suas consequências, isto é, de como a história se desenvolve e termina coerentemente.

O mesmo autor menciona os pontos de virada,^A exemplos marcantes de algo que acontece o tempo todo, isto é, do processo contínuo no qual nos engajamos para reconstruir o significado de nossas experiências passadas e para refazer a nós mesmos de modos grandes e pequenos. O processo de re-historiação, que tanto marca, quanto resulta desses incidentes importantes que são os pontos de virada, constitui uma característica geral de nossas múltiplas identidades, cada uma arraigada a um conjunto diferente de relações que formam a matriz de nossas vidas. Cada um dos nossos "eus" parciais é um personagem em uma história diferente, na qual somos posicionados de modos diferentes em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais.

Uma narrativa coerente é aquela que, no momento histórico em que se encontra o indivíduo e, apesar do seu contínuo processo de re-historiação, consegue dar sentido e unidade a uma história de vida que narra, tanto as experiências positivas, quanto as dificuldade pelas quais o indivíduo passou. No caso de um indivíduo adotado, sua re-historiação sempre terá de passar pelo fato de ter sido afastado dos pais biológicos e de ter sido criado por outras pessoas. Dependendo do ponto em que ele se encontra ao narrar sua história de vida, eventos relacionados à sua adoção terão sido integrados com certa normalidade entre os restantes, ou ainda estarão vinculados à forte carga de emoção, o que o impedirá de construir uma narrativa coerente e,

A - Segundo Mishler (2002, p. 107) pontos de virada são incidentes que muitas vezes ocorrem de modo repentino e inesperado e que podem ser relatados em histórias de vida e em entrevistas de pesquisa clínica.

também, de normalizar os fatos de sua vida.

Considerando a hipótese de que haja uma relação entre a coerência das narrativas construídas e a capacidade de as pessoas normalizarem as experiências nas histórias de vida que contam, esta pesquisa teve como objetivo verificar se há diferença entre uma narrativa de vida coerente e uma narrativa de vida que não alcança coerência no modo como o narrador normaliza suas experiências ao contá-las, adotando-se a noção de normalização de experiências de Sacks.¹

MÉTODO

Utilizaram-se os dados do corpus da pesquisa de Vieira (2012), sobre a identidade narrativa de jovens com experiência de adoção. O banco de dados utilizado nesta pesquisa é o mesmo de uma pesquisa realizada em Portugal, onde a coleta foi feita. Como em Portugal não existe legislação de comitê de ética, Vieira¹⁷ não fez indicação de CEP e, dessa forma, aqui também não se faz indicação de CEP.

Vieira aplicou o modelo tridimensional de coerência global de narrativas de vida de Habermas & Diel,²⁰ Habermas & de Silveira²¹ e Habermas, Ehlert-Lerche & de Silveira²² para a atribuição de coerência ou incoerência às narrativas. Foram selecionadas as narrativas de dois indivíduos com experiência de adoção tardia, entre os nove e os doze anos de idade – Beatriz e Beno. Conforme as conclusões de Vieira,¹⁷ Beatriz produziu uma narrativa satisfatoriamente coerente, enquanto a de Beno não alcançou um grau satisfatório de coerência.

A partir das duas narrativas e das conclusões de Vieira,¹⁷ sobre seu grau de coerência, procurou-se, nesta pesquisa, a existência de uma correlação entre a coerência narrativa e sinais indicativos quanto à capacidade que o autor da narrativa demonstra para normalizar as experiências que conta, segundo Sacks.¹

Além da teoria de Sacks,¹ a análise das narrativas utilizou o método da Análise da Conversa Etnometodológica. Foram transcritos alguns trechos das narrativas de Beatriz e de Beno, nas quais se detectam elementos que apontam para a normalização, ou falta de norma-

lização dos fatos que eles narram. As transcrições apresentadas neste trabalho foram feitas segundo as convenções de Jefferson²³ (Tabela 1). Fonte: Jefferson²³

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme já apontara Vieira,¹⁷ a narrativa de Beno não alcançou índices satisfatórios de coerência, o que, segundo McAdams,¹⁸ reflete o caráter conflituoso, contraditório e ambíguo da identidade de Beno. Por outro lado, na narrativa de Beatriz observa-se que a experiência da adoção encontra-se integrada e os afetos, embora intensos, estão organizados em uma construção de sentido que transforma sua história de vida em aprendizagem.¹⁷

Beatriz demonstra conhecimento consciente a respeito da falta de normalidade de certos eventos narrados, sobre os quais ela já organizou seus pensamentos e fala a respeito, sem fingir que são normais. Ou seja, Beatriz já é capaz de normalizar os eventos que conta¹ uma vez que alcançou uma unidade entre os fatos de sua existência e, assim, também consegue construir uma narrativa coerente. Isso pode ser observado nos excertos 1 e 2:

Excerto 1 – transcrição de fala da narrativa de Beatriz *tudo o que vem de trás né: são coisas que: nunca vou esquecer como é óbvio mas são coisas que ficam para sempre (.) e: por muito mais que eu sei que tenho a situação resolvida (.) sempre que conto sou capaz de chorar ou sou capaz de ↓ pronto me lembrar dessas coisas mas hã lembro perfeitamente de meus pais....* (Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012) - 29.00).

Excerto 2 – transcrição de fala da narrativa de Beatriz *quando eu dizia e falava-se na escola ai o teu pai o teu pai (.) eu sentia necessidade de dizer (.) olha (.) eu não tenho pai (.) pronto. >mas as pessoas passavam a: criar coisas ai morreu não morreu teve um acidente.< coisas completamente ridículas. que eu se calhar sentia bem melhor. não é se calhar. é mesmo. eu sentia melhor dizer é isso (.) eu sou adotada e: minha mãe é sozi: nha não tinha problema absolutamente nenhum (.) nunca*

Tabela 1 - Convenções de Transcrição.

[texto]	Colchete	Indica sobreposição de vozes.
=	Fala colada	Indica que não há espaço entre a fala de um interlocutor e a fala do interlocutor seguinte.
(1.8)	Pausa	Medida em segundos ou décimos de segundos. Representa a ausência de fala ou vocalização.
(.)	Micropausa	Equivale a menos de 0.2 segundos de ausência de fala ou vocalização.
,	Vírgula	Entonação contínua.
.	Ponto final	Indica entonação descendente e final.
?	Ponto de interrogação	Indica entonação ascendente.
-	Hífen	Indica interrupção abrupta da fala em curso.
:	Dois pontos	Alongamento de vogal ou consoante.
>texto<	Sinais de menor	Indicam fala mais rápida em relação à fala anterior e posterior.
<texto>	Sinais de maior	Indicam fala mais lenta em relação à fala anterior e posterior.
°texto°	Grau	Indica fala mais baixa em relação a anterior e posterior.
TEXTO	Maiúsculas	Volume mais alto em relação ao contexto anterior e posterior.
<u>Texto</u>	Sublinhado	Indica sílaba, palavra ou som acentuado.
↑↓	Setas	Indicam aumento ou diminuição na entonação.
Hhh		Indicam expiração audível.
(texto)	Parênteses	Indica dúvidas do/a transcritor/a.
xxxx		Cada x indica uma sílaba que não foi possível de se transcrever.
((texto))	Parênteses duplos	Comentários do/a transcritor/a
(hhh)	Riso	Indica pulsos de riso.

Fonte: Jefferson²³

sentí discriminação nenhuma (.) nenhuma mesmo. claro que as pessoas perguntavam ai o que aconteceu (.) mas eu não me importava nada em contar. é o que eu digo (.) tipo: é algo que me vai me acompanhar para o resto de minha vida. não é por que: nada não é nada que: uma coisa que: nada vai apagar não é: a memória não apaga isto e: eu sei o que vivi e sei o que passei (.) e se calhar sou uma pessoa difere:nte por aquilo que passei . eu sou mais não sou mais que ninguém não me considero mais que ninguém. mas claro que - ao lado de amigas minhas não é (.) >se calhar tenho outras< - não é se calhar (.) tenho outra história de vida (.) e sei que sou outra pessoa por essa história de vida (.) >não estou a dizer que sou uma pessoa melhor ou pior<. (.) pronto. mas tenho a minha história e tenho: a minha = as minhas coisas (.) e são coisas que vão me acompanhar para sempre né (.) pronto. portanto. de amigos nunca senti assim discriminação nenhuma= nenhuma mesmo (.) hã: as pessoas claro perguntaram sempre o que é que se o que é que se tinha passado (.) como é que foi como é que não foi hã aquelas perguntas de praxe mesmo. eu dizia . (não sei não há mal ou nunca xxxx). hã: nem nunca: soube (.) de ninguém que falasse mal (1.0) nunca senti nada: em relação: hã à adoção. nunca senti (.) nunca senti (.) em nenhum aspecto de minha vida que: sou adotada (.) não: não sinto pronto (.) não é uma coisa que:: (1.0) que eu sinta (.) não sinto nada disso. nunca senti. (Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira (2012)- 16.09).

No excerto 1, Beatriz demonstra domínio sobre o tema da adoção e sobre suas emoções em torno dele, ao dizer que tudo o que aconteceu jamais será esquecido por ela e que, por vezes, ela chora em função disso. Ou seja, ela compreende e sabe que não foi agradável ser adotada, mas já integrou essa experiência entre os fatos de sua vida, e agora tal experiência aparece como algo que narra como se fosse muito natural, inclusive admite que isso sempre causará dor e mágoa a ela.

No excerto 2, a pesquisada demonstra tamanha normalização de suas experiências que, com ênfase e naturalidade, afirma nunca ter sido discriminada por amigos, quanto à sua situação de adotada. Observa-se, na transcrição de sua fala, que ela se refere a esse assunto com objetividade, sem hesitações, com pausas definidas e sem alteração na tonalidade e volume da voz.

A narrativa de Beatriz demonstra o que propõem Baerger & McAdams²⁴ e Adler, Wagner & McAdams,²⁵ ou seja, que uma narrativa autobiográfica coerente está relacionada, tanto ao bem estar como a uma abertura a novas experiências e à capacidade pessoal para desenvolver-se.

Ao contrário da narrativa de Beatriz, a forma circular própria de Beno ao narrar sua história demonstra que ele não conseguiu ainda construir um sentido para sua experiência de vida. Dessa forma, a sua narrativa é entrecortada por conjeturas a respeito do porquê de ter sido abandonado por seus pais biológicos e colocado para adoção, conforme excertos 3 e 4:

Excerto 3 – transcrição de fala da narrativa de Beno

mas por exemplo ainda há pouco tempo eu fiquei mal porque (.) teve:: UMAS pessoas estavam comigo: e: disser. e eu tava a brincar a dizer que: (1.0) que era adotado lá de ator co(hhh)nhecido (.) e que e::: mmm

e::: >depois eles perguntaram se eu era adotado< daí eu comecei a falar da minha história: de vida e:: (.) isso aí trouxe-me assim marcas que eu não queria tocar nestas feridas (.) mas tive que tocar e passei u:m tempo mal. (.) a pensar nestas coisas só queria sair daqui e:: e pronto. (.) estragar a minha vida. (Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira¹⁷- 11.33).

Excerto 4 – transcrição de fala da narrativa de Beno

eu agora falo abertamente disto só que:: às vezes inda:: > pronto às vezes custa um bocado tocar nessa ferida< e:: e quando::: e lá na escola:: como a escola e::: é muito pequena e lá sabe-se tudo, e:: não sei ↓ contar i::sso (.) pra muitas pessoas pode:: (2.0) quer dizer > pelo menos para mim, podem me magoar .< e podem me ver de maneira diferente e:: e eu não quero isso:: > quero ser uma pessoa normal< não é? já passei pelas minhas dificuldades mas (.) não quero ser mai::s acarinhado (.) do que os outros só porque sou adotado e porque:: porque > agora estou numa família nova é isso< (2.0) ° quero ser normal° (2.0) aconteceu mas já foi e agora:: hoje tenho minha nova vida que:: (xxxxxx) (1.0) > espero que seja assim até o fim.< (Fonte: transcrição das falas gravadas em Vieira¹⁷- 27.37).

O fato de ter sido adotado é algo muito difícil de aceitar, assim, Beno atribui emoções demasiadamente intensas, quando se refere a isso, como mostra o excerto 3, no qual ele relata sua reação quando as pessoas no curso de teatro vêm a saber sobre sua adoção e comentam. Para ele, isso foi motivo de querer desistir da faculdade, quando, para seus colegas, provavelmente era apenas um fato novo, sem o poder de colocar Beno em qualquer outra categoria que não fosse a de colega, como já era. Isso, nos termos de Sacks,¹ revela a falta de capacidade para normalizar experiências. Beno está tão envolvido com este assunto ainda, que não consegue se desvincular dele e aumenta sua importância em situações nas quais sua adoção não é o tópico tratado, quando o fato de ele ter sido adotado não tem importância nenhuma na atividade que está sendo realizada.

Isso aparece também no excerto 4, quando, novamente, ele fala da escola (faculdade), dizendo que simplesmente contar sobre a adoção já o coloca numa posição muito delicada frente aos colegas, o que pode magoá-lo e, mais adiante, afirma querer ser uma pessoa normal. Ele é tão incapaz de normalizar experiências ao narrá-las, que chega a deixar implícito que uma pessoa adotada não é normal. Observa-se, também, mediante a transcrição de sua fala, que esse assunto causa alteração de volume e tonalidade na voz, alongamentos e alteração na velocidade com que fala, como se isso alterasse bastante seu estado emocional, causando alterações na forma como se expressa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se do presente estudo, haver uma relação entre a forma como um indivíduo que conta sua história numa narrativa coerente e um que não consegue atingir coerência em sua narrativa em relação à capacidade do narrador de normalizar as experiências contadas, para apresentar uma visão do mundo como uma pessoa normal faz. Enquanto uma narrativa co-

erente demonstra que o narrador fez e faz o esforço social necessário para se apresentar ao mundo como uma pessoa normal, sabendo seguir as restrições em relação ao que pode ou não ser objeto de uma história, isso é muito difícil para quem não consegue construir uma narrativa coerente. Este comete deslizes, como dar importância demasiada a fatos que não se espera serem tão importantes nos eventos narrados, produzindo uma narrativa sem coerência.

Esta pesquisa contribui para a psicologia cognitiva, ao investigar a formação da identidade através da análise de narrativas produzidas por indivíduos pesquisados, e para a promoção da saúde, na esfera mental, ao abordar um grupo vulnerável, os adotados. Simultaneamente, presta sua contribuição para o campo do desenvolvimento humano, uma vez que a qualidade de vida de grupos vulneráveis passa pelo desenvolvimento de sua capacidade para re-historiar seu passado e para atingir o poder de contar uma história de vida em que haja unidade de significado, na qual os indivíduos veem-se como pessoas capazes de integrar suas experiências dolorosas em uma vida próspera e feliz.

Como perspectivas futuras, almeja-se a ampliação dessa investigação a outros grupos vulneráveis, além dos adotados. Pretende-se, por exemplo, investigar em grupos que vivem em periferias e outros locais desprestigiados, como quilombos, quais são as questões que os impedem de melhorar sua qualidade de vida e desenvolver-se livremente, através da análise de narrativas por eles construídas e de histórias que eles mesmos produzam. Essas podem ser fontes importantes para a criação de situações e atividades que os auxiliem a romper barreiras sociais e psicológicas na busca de sua realização.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em nome do Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde, à Fundação Ulbra (FULBRA) e à Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) por possibilitar-nos a participação, através do Fundo de Apoio à Participação em Eventos Científicos e Tecnológicos (FAPECT), no II Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Promoção da Saúde e consequente publicação deste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Sacks Harvey. On doing "being ordinary". Em J. M. Atkinson e J. Heritage. (Eds.). Structures of social action: studies in conversation analysis 413-440. Cambridge: University Press. 1984.
2. Bruner J. Acts of meaning. Cambridge: Harvard University Press. 1990.
3. Bruner, J. Life as narrative. Social research 1987;54(1):11-32.
4. McAdams DP, McLean KC. Narrative identity. Current Directions in Psychological Science 2013;22(3):233-8.
5. Fivush R. Remembering and reminiscing: How individual lives are constructed in family narratives. Memory Studies.2008;1(1):49-58.
6. Fivush R, Baker-Ward L. The search for meaning: Developmental perspectives on internal state language in autobiographical memory. Journal of Cognition and Development 2005;6(4):455-62.
7. Fivush R, Buckner JP. Gender and self in children's autobiographical narratives. Applied Cognitive Psychology 1998;12:407-29.
8. Fivush R, Haden C. A. Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.
9. Habermas T. How to tell a life: The development of the cultural concept of biography. Journal of Cognition and Development 2007;8(1):1-31.
10. Habermas T, Bluck S. Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. Psychological Bulletin 2000;126(5):748-69.
11. McLean KC, Pasupathi M, Pals JL. Selves creating stories creating selves: A process model of self-development. Personality and Social Review 2007;11:262-78.
12. Grotevant, H. D. Coming to terms with adoption: The construction of identity from adolescence into adulthood. Adoption Quarterly 1997;(1):3-27.
13. Von Korff, L. A. Pathways to narrative adoptive identity formation in adolescence and emerging adulthood. Tese de doutorado não publicada, Faculty of the Graduate School of the University of Minnesota, 2008.
14. Von Korff L, Grotevant HD. Contact in Adoption and Adoptive Identity Formation: The Mediating Role of Family Conversation. J Fam Psychol 2011;25(3):393-401. doi: 10.1037/a0023388.
15. Carsten, J. Knowing where you've come from: rupture and continuities of time and kinship in narratives of adoption reunions. Journal of Royal Anthropological Institute 2000;6:687-703.
16. Yngvesson B. Parentesco reconfigurado no espaço da adoção. Cadernos Pagu 2007;29:111-38.
17. Vieira AG. A Construção Narrativa da Identidade em Jovens Adotados. Tese de Pós-Doutorado, Universidade do Porto, 2012.
18. McAdams DP. The redemptive self: Narrative identity in America today. Em D. R. Beike, J. M. Lampien e D. A. Behrend (Eds.), The self and memory (pp. 95-115). New York: Psychology Press, 2004.
19. Mishler Elliot. Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. Em L.P.M. Lopes e L.C. Bastos. Identidades. Recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras 2002; 97-119.
20. Habermas T, Diel V. Three dimensions of global coherence: Global rating scales. Frankfurt: Goethe University, 2005.
21. Habermas, T. & de Silveira, C. The development of global coherence in life narratives across adolescence: temporal, causal and thematic aspects. Developmental Psychology 2008;44:707-21.
22. Habermas, T., Ehlert-Lerche, S., de Silveira, C. The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. Journal of Personality 2009;77(2):527-59.
23. Jefferson, Gail. Transcript notation. Em J. M. Atkinson e J. Heritage. (Eds.). Structures of social action: studies in conversation analysis ix-xvi. Cambridge: University Press, 1984.
24. Baerger DR, McAdams DP. Life story coherence and its relation to psychological well-being. Narrative Inquiry 1999;9:69-96.
25. Adler, J. M., Wagner, J. W., McAdams, D. P. Personality and the coherence of psychotherapy narratives. Journal of Research in Personality 2007;41:1179-98.

Como citar: VIEIRA, André Guirland et al. A construção de identidade analisada mediante narrativas de vida: dois casos de indivíduos pertencentes a grupos vulneráveis. Cinergis, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, out. 2016. ISSN 2177-4005. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8142>>. Acesso em: 11 out. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.17058/cinergis.v18i1.8142>